ISSN: 2358-8829

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Giovanna Vitória Miranda de Melo [1]

INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), afirmam que a criança é um sujeito histórico e de direitos, e que nas interações e práticas do cotidiano, constrói a sua identidade pessoal e coletiva. Nessa perspectiva, compreende-se que a primeira infância é marcada por experiências, relações, e descobertas que contribuem para a maneira como as crianças percebem a si mesmas, os seus pares e o mundo que as cerca.

Nesse processo, as vivências que são construídas ao longo da vida da criança, assumem um papel de suma importância na constituição da identidade infantil, uma vez que possibilitam às crianças atribuir sentidos a si mesmas, aos outros e ao contexto que estão inseridas, por meio das experiências e interações que são vivenciadas nos diferentes espaços e nas relações que fazem parte de seu cotidiano.

Neste contexto, diante das múltiplas discussões e perspectivas defendidas pelos autores que se dedicam ao estudo do conceito identidade, leva-se em consideração a ideia defendida por Ciampa (1987), que compreende a identidade como um conjunto de elementos biológicos, culturais, sociais, psicológicos, entre outros, que podem caracterizar o indivíduo, e constituir os seus meios de representação.

A partir dessa compreensão, entende-se que a identidade pode assumir diferentes dimensões constitutivas, relacionadas, por exemplo, às questões de gênero, classe social, regionalidade, espiritualidade, etnia, entre outras. Dentre essas muitas e diversas características, este trabalho dará enfoque às questões étnico-raciais, especificamente,

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, gmelo4702@gmail.com

considerando a forma como as crianças pequenas percebem, refletem e atribuem sentidos a sua própria identidade e a dos seus pares a partir das relações raciais.

Diante da importância dessas vivências para a construção da identidade infantil, torna-se necessário questionar: como as práticas desenvolvidas no contexto da Educação Infantil podem contribuir para a construção do reconhecimento e valorização da identidade racial das crianças?

Nesse sentido, este trabalho apresenta um relato de proposta educativa, realizada em maio de 2026, durante o estágio supervisionado na Educação Infantil. O interesse pela temática surgiu a partir da curiosidade em compreender como as crianças que acompanhei reconheciam e valorizavam a identidade étnico-racial individual e coletiva.

Deste modo, objetiva-se relatar sobre a proposta de regência do estágio supervisionado, de modo a refletir sobre as contribuições das experiências estéticas para a construção da identidade étnica-racial na primeira etapa da educação básica. A partir disso, o trabalho foi realizado com a motivação de contribuir para as discussões sobre as vivências realizadas com e pelas crianças pequenas acerca das questões étnico-raciais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Metodologicamente, este relato de experiência se configura como uma pesquisa qualitativa, construída a partir dos diários de campo, planejamentos das propostas, do relatório de observação, das lembranças pessoais, e das fotografias referentes aos momentos de regência do estágio. Para além desses materiais, o trabalho orientou-se também pelos textos teóricos que foram estudados nos componentes de Educação Infantil I e II, Teoria e Prática de Literatura I, e Estágio na Educação Infantil do curso de Pedagogia Presencial da UFRN, além de outras obras que foram pesquisadas na internet em prol da elaboração deste trabalho.

O estágio em questão foi desenvolvido em dupla com outra estudante do curso de Pedagogia, entre 10 de abril de 2026 à 19 de maio de 2026, em uma turma do nível III matutino da Educação Infantil, do Núcleo de Educação da Infância (NEI-cap), colégio de aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), localizado na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte (RN). A turma em que foi realizada o estágio era composta por 20 crianças, duas professoras e uma bolsista. Durante o estágio, atuei três vezes por semana, às segundas, terças e sextas-feiras, no

turno matutino, das 7h30 às 11h30, o que possibilitou um acompanhamento contínuo das dinâmicas e experiências vivenciadas na rotina da turma.

Durante o período de estágio, foram realizadas práticas de observação, acompanhamento e apoio na rotina das crianças, planejamento e realização de 4 propostas de regência, que foram baseadas pelos estudos e pelas reflexões realizadas no espaço universitário.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico fundamenta-se, inicialmente, nas discussões de Ciampa (1987) que contribui para o trabalho a partir da sua compreensão sobre a identidade como um processo dinâmico, constituído e transformado nas relações sociais.

Em seguida, Bilória e Metzner (2013), que compreendem a rotina na Educação Infantil como um elemento organizador das experiências das crianças, articulando momentos de estabilidade com possibilidades de participação nas propostas pedagógicas. Ademais, Kramer (2007) contribui para este trabalho ao compreender as crianças como sujeitos que produzem cultura e também são constituídos por ela, enquanto Kaercher e Furtado (2021, p. 166) ressaltam que representações positivas da identidade negra, embora importantes, não são suficientes, por si só, para transformar as formas de pensar das crianças. Além disso, Bento (2012, p. 102) traz a importante reflexão que, desde a infância, as crianças se apropriam de elementos que permitem interpretar as diferenças raciais.

No que se refere à literatura infantil, Silva et al. (2021) contribuem para a compreensão de seu papel na formação infantil e na aproximação das crianças com o mundo social, enquanto Cademartori (2010) destaca as potencialidades dos livros literários para abordar questões sociais, como as diferenças raciais, de classe e de gênero. Em diálogo com essa perspectiva, Aurora Neta (2014) compreende a leitura como uma experiência estética que mobiliza sentimentos, memórias e reflexões sobre a constituição dos sujeitos. Para discutir a mediação pedagógica durante a leitura, recorre-se a Bortoni-Ricardo (2017), que apresenta a andaimagem como um suporte oferecido pelo mediador para favorecer a participação das crianças nas interações.

Queiroz et al. (2018) discutem a importância do reconhecimento e da afirmação da identidade negra, aspecto fundamental para refletir sobre a representatividade na

infância e a valorização da diversidade étnico-racial neste trabalho. Também nesse contexto, Munanga (2005) discute como a educação eurocêntrica pode contribuir para a reprodução de preconceitos, evidenciando a necessidade de questionar representações discriminatórias.

Por fim, Trindade (2024) contribui para a reflexão sobre as artes visuais na Educação Infantil, destacando suas possibilidades para a construção da identidade negra e para o reconhecimento e a valorização das características físicas das crianças.

Desse modo, as contribuições desses autores permitem fundamentar a importância de articular literatura infantil, mediação pedagógica e experiências estéticas na promoção do reconhecimento da diversidade e da valorização da identidade negra desde a infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inserido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o Núcleo de Educação da Infância (NEI-cap), colégio de aplicação localizado em Natal/RN, constitui-se como um espaço de formação que articula ensino, pesquisa e extensão, desenvolvendo uma proposta pedagógica que considera a criança como protagonista do seu processo educativo e valoriza a escuta dos seus interesses, das suas necessidades e das suas diferentes formas de expressão.

Foi diante desse contexto, que as vivências no estágio supervisionado na Educação Infantil foram desenvolvidas, com a realização de práticas de observação, acompanhamento e apoio na rotina das crianças, planejamento e realização de 4 propostas de regência, que foram baseadas pelos estudos e pelas reflexões realizadas no espaço universitário.

Nessa perspectiva, as atividades realizadas pelas estagiárias possibilitaram o acompanhamento do cotidiano e das vivências na turma do Nível III da Educação Infantil, atentando-se para a organização da rotina, dos materiais utilizados, das propostas desenvolvidas, e das interações experienciadas pelo grupo. Nesse viés, a organização da rotina e do espaço educativo parte do reconhecimento das crianças como sujeitos ativos e participativos, criando condições para que elas expressem os seus modos de criar, pensar, imaginar, opinar, agir e de se relacionar tanto com seus pares quanto com os adultos.

Assim, no que refere-se ao cotidiano da turma, as observações realizadas ao longo do estágio permitiram reconhecer uma rotina organizada, que contribuía para a constituição de um ambiente favorável à autonomia das crianças, bem como proporcionava para elas uma maior estabilidade e previsibilidade nos momentos do dia. Além disso, foi possível perceber, a partir das atitudes das professoras da turma, que a rotina, apesar de ser previamente estruturada, era vivenciada de modo flexível, podendo se adaptar às necessidades e sugestões das crianças.

Essa dinâmica aproxima-se das discussões de Bilória e Metzner (2013), que compreendem a rotina como base organizadora das experiências da cultura infantil, capaz de articular estabilidade e participação, dessa maneira, possibilitando um "ritmo dinâmico" nas propostas pedagógicas.

Dentro dessa organização cotidiana, alguns momentos se destacaram pela frequência com que estavam presentes na rotina da turma, dentre eles, a roda de leitura, realizada diariamente por uma das professoras que se colocavam no lugar de mediadoras de leitura. Os livros escolhidos para esse momento eram selecionados do acervo disponível na sala de referência ou do projeto Ciranda Literária, que consiste em um projeto que visa a circulação de obras de literatura infantil entre as crianças da turma. Esse projeto é iniciado em cada turma da Educação Infantil no início do ano, e conta com a colaboração dos responsáveis das crianças para a doação de livros de literatura. Além das leituras feitas na sala de referência com os livros do projeto, os mesmos eram compartilhados entre as crianças, que podiam levá-los para casa para realizar a leitura junto aos familiares e, posteriormente, devolvê-los à sala.

Os livros que compuseram o acervo do projeto eram de autores nacionais e internacionais, abrangendo gêneros variados, e com diferentes temáticas, contribuindo para a diversificação de 40 livros que eram escolhidos pelas crianças a partir dos seus interesses. Nesse contexto, ao pensar sobre a literatura infantil, Silva et al. (2021, p. 1288), destacam que:

> A literatura infantil desempenha um papel essencial na formação da cognição e psicologia infantil, porque ao ouvir histórias, sejam contos, fábulas, poemas, entre outros, as crianças podem compreender com mais facilidade o mundo social que fazem parte, sendo mais apto a atuar propriamente em suas relações diárias. (Silva et al., 2021, p. 1288)

Ao analisar a importância da literatura infantil para as crianças, percebe-se que as contribuições desenvolvidas pelos livros literários possibilitam às crianças a reflexão sobre a sua atuação nos contextos do mundo. Nesse sentido, Cademartori (2010), destaca que os livros possuem potencialidade de refletir temas sociais, como as diferenças raciais, de classe, sexuais, entre outras. Assim, a intencionalidade de desenvolver momentos que aproximem as crianças dos livros literários, ampliam as suas possibilidades de participação e atuação nas relações presentes na sociedade.

Durante os momentos da seleção dos livros para a roda de leitura, nos chamou atenção a ausência de obras de literatura indígena, africana e afro-brasileira entre os livros disponíveis na sala, o que provocou reflexões sobre a diversidade de referências contempladas pelo acervo do projeto Ciranda Literária. Ao conversarmos com as professoras acerca dessa questão, elas também reconheceram essa ausência, indicando a possibilidade de desenvolver propostas que abordassem essa temática no contexto da turma.

A partir dessa observação, voltamos o nosso olhar para a dimensão étnico-racial presente no cotidiano do grupo. Ao analisarmos o acervo da Ciranda Literária, verificamos a presença de apenas 3 obras que abordavam personagens negros em um total de 40 livros. Esse dado nos levou a refletir sobre a representatividade presente nas obras disponibilizadas às crianças, especialmente quanto à presença de personagens com características negras, possibilitando que as crianças negras da turma encontrassem, na literatura, referências que contemplassem seus traços e diferentes formas de representação.

Nesse sentido, compreendemos que a presença de personagens negros na literatura infantil pode contribuir para que as crianças tenham contato com representações positivas de diferentes modos de ser e existir, favorecendo o reconhecimento e a valorização de suas características. Desse modo, Queiroz et al. (2018, p. 68) afirmam que:

> É preciso que haja o reconhecimento e a afirmação da identidade negra, pois, tudo que não é reconhecido, ou percebido como diferente, é visto como: inferior, estranho e incomum. (Queiroz et. al, 2018, p.68)

A partir dessa afirmação, é necessário que enquanto educadores, possamos refletir, planejar, e propor práticas que desenvolvam o reconhecimento, a valorização, e

a afirmação sobre a identidade negra, de modo a valorizar e enaltecer essa identidade. Diante dessa perspectiva, na regência do estágio, realizou-se o planejamento de 4 propostas em 4 dias diferentes, com o objetivo de criar possibilidades para que as crianças pudessem se expressar, pensar, interpretar e refletir acerca do reconhecimento da identidade negra.

A primeira proposta desenvolveu-se a partir da mediação de leitura com o livro de literatura negra "A cor de Coraline", escrito por Alexandre Rampazo, que narra a história de uma menina que é questionada por um colega sobre qual lápis representa a cor de pele.

A escolha de iniciar a regência com a leitura de uma obra literária justifica-se na compreensão da leitura como experiência estética, capaz de mobilizar a sensibilidade e provocar reações sobre si e sobre o mundo. Nessa perspectiva, Aurora Neta (2014, p. 79) afirma que "[…] a leitura pode ser uma experiência estética que faculta ao leitor a memória, a experiência do ver, do sentir, que coloca em questão aquilo que somos ou o que fazem de nós."

A partir disso, foi realizada uma roda de leitura, e a mediação do livro foi apoiada no processo de andaimagem, compreendido como suporte oferecido pelo mediador durante as interações das crianças com a leitura (Bortoni-Ricardo et al, 2017). Desse modo, para estabelecer essas interações, realizou-se perguntas de pré-leitura, durante a leitura, e de pós-leitura, de modo a estimular a conversa com as crianças e a troca de experiências entre o grande grupo.

Em uma das perguntas estratégicas durante a leitura, questionamos para as crianças sobre qual seria o lápis denominado "cor de pele", e algumas sugeriram o lápis de tonalidade bege. As respostas apresentadas pelas crianças podem ser compreendidas considerando as referências sociais e culturais que atravessam suas formas de perceber e representar o mundo. Nessa perspectiva, Munanga (2005, p. 15) ressalta que "[…] somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade". Essa reflexão permite compreender que as falas das crianças não devem ser analisadas de maneira isolada, tampouco interpretadas como manifestações intencionais de preconceito. Ao identificarem o lápis bege como "cor de pele", as crianças expressaram uma referência que pode ser problematizada à luz das representações socialmente construídas sobre as características físicas.

Em seguida, diante das respostas das crianças, foi proposta uma nova reflexão por meio da seguinte pergunta trazida pela autora deste trabalho: “Será que só a cor bege pode ser cor de pele?”.

Essa situação evidencia a importância de promover questionamentos que levem as crianças a refletir sobre concepções socialmente construídas acerca das características físicas e da diversidade étnico-racial. Nessa perspectiva, Kaercher e Furtado (2021, p. 166) ressaltam que “as representações da identidade negra, ainda que protagonistas e positivadas, não conseguem sozinhas mudar os modos de pensar das crianças. É preciso mais”. A reflexão das autoras contribui para compreender que a presença de representações positivas da população negra, embora fundamental, precisa estar acompanhada de uma mediação pedagógica intencional, que possibilite às crianças questionar referências naturalizadas e reconhecer a diversidade presente na sociedade.

Depois da pergunta feita durante a mediação, observou-se que as crianças passaram a refletir sobre a questão. Entre as manifestações, destacou-se a fala de uma criança preta, que afirmou: “Não, porque eu sou pretinho, essa não é a minha cor”. A fala da criança evidenciou a importância de problematizar concepções naturalizadas acerca da representação da cor da pele, especialmente quando uma tonalidade específica é tomada como referência para representar todas as outras.

Desse modo, no final da leitura e da discussão com as crianças, realizou-se uma breve dinâmica com lápis de diferentes tonalidades de cor de pele. Ao mostrarmos esses lápis para as crianças, perguntamos quais elas achavam mais parecidas com a cor de pele delas, a fim de entender como elas se auto reconheciam. Nesse momento, algo interessante a se notar era como as crianças interagiam com as afirmações das outras crianças sobre sua cor de pele, de modo a opinar se a pele do colega era “mais clara” ou “mais escura”, o que possibilitou para as crianças a construção de ideias sobre a sua identidade. No contexto dessa situação criada pelas crianças, Bento (2012, p. 102) contribui ao trazer que:

> Essa conclusão vem ao encontro da perspectiva que coloca que, quando adquire as noções de outro, e de outro diferente, também em termos raciais, a criança já se apropriou dos elementos para a interpretação dessa diferença. (Bento, 2012, p. 102)

No segundo dia da regência realizou-se a partir de dois momentos. Inicialmente, retomamos brevemente a história lida no encontro anterior, dialogando com as crianças sobre os elementos da narrativa e as reflexões suscitadas durante a leitura do livro. Posteriormente, trouxemos a proposta “Como eu me vejo?”, na qual as crianças foram convidadas a observar suas características físicas diante de um espelho e a representá-las por meio do desenho. Nesse momento, as crianças foram percebendo os detalhes do seu rosto, cabelo, suas cores, e expressaram isso através da estética presente nos seus desenhos.

No terceiro encontro, e foco deste relato, as crianças foram convidadas a colorir seus desenhos, para isso elas utilizaram a técnica com tinta natural produzida a partir da borra de café, diluída em água e misturada à cola branca. Antes de iniciar a preparação, apresentamos paletas com diferentes tons de pele e imagens de pessoas com características físicas diversas, buscando ampliar as referências visuais das crianças para a realização da atividade, de modo que as crianças comparassem suas cores com a das paletas expostas. Em seguida, nós orientamos a produção da tinta para as crianças, explicando como as proporções de água e café poderiam ser ajustadas para obter tonalidades mais claras ou mais escuras, de acordo com as características que desejavam representar.

Destaca-se que a participação das crianças na preparação da tinta natural constituiu um aspecto importante da proposta, uma vez que elas não apenas utilizaram um material previamente preparado, mas também participaram de sua produção para colorir os próprios autorretratos. Percebe-se que essa experiência nos possibilitou refletir sobre as crianças como participantes ativas dos processos de criação artística e sobre as possibilidades de explorar a representação de si no contexto da Educação Infantil.

Conforme a sugestão de Trindade (2024, p. 70), a presença das artes visuais na Educação Infantil pode contribuir para a construção da identidade negra. Essa perspectiva permite refletir sobre a importância de proporcionar às crianças experiências em que possam representar suas características físicas e reconhecer a diversidade de tons de pele, valorizando diferentes formas de ser e de se perceber.

Além disso, a experiência também dialogou com os campos “O eu, o outro e o nós”, “Traços, sons, cores e formas” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Pode-se analisar que essa

articulação permitiu compreender que as experiências estéticas na Educação Infantil podem favorecer o reconhecimento de si, a expressão de percepções e a reflexão sobre as diferenças. Nesse sentido, ao aproximar as crianças da representação da própria imagem, a proposta evidenciou as possibilidades de integrar diferentes linguagens à valorização das características étnico-raciais das crianças, ressaltando a importância de práticas pedagógicas que contribuam para a construção de percepções positivas sobre si mesmas e para o respeito à diversidade desde a infância

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, considera-se que a realização das propostas de regência durante o estágio supervisionado nos possibilita refletir sobre as contribuições das experiências estéticas para a abordagem das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Nesse contexto, as vivências que foram desenvolvidas evidenciaram as possibilidades da literatura infantil e das artes visuais para promover o diálogo sobre as diferenças, a percepção das características individuais e o respeito às diferentes formas de ser e existir.

A partir dessa compreensão, as experiências estéticas desenvolvidas podem ser entendidas como possibilidades de participação e expressão das crianças, que assumiram um papel ativo na representação de suas características físicas. Nessa perspectiva, Kramer (2007, p. 15) destaca que as crianças são sujeitos que produzem cultura e, simultaneamente, são constituídas por ela, o que permite refletir sobre como suas formas de perceber a si mesmas também se relacionam com as referências culturais e sociais presentes em seu cotidiano.

Nesse processo, as manifestações infantis revelaram a importância de não tratar as relações étnico-raciais na Educação Infantil como uma discussão distante do cotidiano das crianças, mas de reconhecer que as concepções sobre a identidade, a cor da pele e as características físicas também estão presentes nas vivências e experiências estabelecidas desde a primeira infância.

Além disso, as reflexões desenvolvidas ao longo do estágio evidenciaram que a promoção de uma educação antirracista não depende apenas da realização de propostas específicas, mas também das escolhas pedagógicas que atravessam o cotidiano educativo. A ausência de determinadas representações no acervo literário, por exemplo,

suscitou questionamentos sobre quais referências são oferecidas às crianças e quais possibilidades de identificação lhes são proporcionadas. Nesse sentido, torna-se necessário refletir não somente sobre o que se ensina, mas também sobre aquilo que, mesmo sem uma intenção explícita, se deixa de contemplar nas práticas educativas.

Por fim, essa experiência contribuiu para a formação docente ao possibilitar uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e sobre a responsabilidade da Educação Infantil na abordagem das relações étnico-raciais. Nesse sentido, compreende-se que o reconhecimento e a valorização da diversidade exigem um compromisso contínuo, que se manifeste tanto nas propostas desenvolvidas quanto nas escolhas que orientam o cotidiano educativo. Além disso, as reflexões suscitadas pelo estágio apontam para a importância de ampliar as discussões e as investigações sobre as contribuições das experiências estéticas para a educação antirracista na infância, considerando as possibilidades de atuação docente na construção de práticas pedagógicas comprometidas com essa perspectiva.

Palavras-chave: Educação Infantil, Experiências Estéticas, Estágio, Étnico-racial.

REFERÊNCIAS

AURORA NETA, Maria. **A leitura como experiência estética** [manuscrito] / 2014. 130 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. **A importância da rotina na Educação Infantil**. Revista Fafibe On-Line, ano VI, n. 6, p. 1–7, nov. 2013. Disponível em: https://share.google/Ub5FJKZEf7ZQN9XYk. Acesso em: 10 set. 2026.

BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT , 2012a.

BERTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos).

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia socia***l*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KAERCHER, G. E. P. da S. ., & FURTADO, T. F. . (2021). EDUCAÇÃO INFANTIL E ANTIRRACISMO NA ENCRUZILHADA DA DIÁSPORA AFRICANA NO SUL DO BRASIL. Identidade!, 26(1 e 2), 157–176. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/1197CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. **Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas**. E-Mosaicos, V. 7, P. 3-25, 2019. Acesso em: 08 set. 2026.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 13-23.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

QUEIROZ HA, Alvarenga JBS, Moraes-Filho IM, Fidelis A, Araújo LM, Araújo LM. O reconhecimento da identidade racial na educação infantil. **Rev. Cient. Sena Aires**. 2018; 7(1): 66-75.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocquinho, 2021.

SILVA, Benedita Paulina da *et al.* A importância da literatura infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 6, jun. 2021.

TRINDADE, Bianca Cristina da Silva. O autorretrato na Educação Infantil: educando para a superação do racismo. **Revista Cactácea**, v. 4, n. 10, p. 69-76, 2024.